

La Misura del Corpo

fotografias e colagens de
Cesare Pergola

curadoria
Andrés Hernández

Galeria Belvedere, Paraty (RJ), setembro 2014

O corpo e suas (im)possíveis metáforas

O conjunto de obras na exposição individual “La misura del corpo” de Cesare Pergola, artista, professor e arquiteto italiano residente no Brasil, constitui, uma peça teatral ou um quebra-cabeças onde as personagens são o artista, as obras e o espectador; mas o protagonista é o corpo. A partir dele o artista nos oferece ferramentas para entretecer histórias atemporais, pautadas por movimentos ritmados pela imaginação e a incoerência. Histórias inconclusas, ziguezagueantes, incomuns como sonhos; mas onde se manifesta a cuidadosa e elevada sensibilidade e, sobre tudo, a qualidade autoral do artista.

São histórias que se transmutam em experiências cênicas que indicam estados de espírito e relacionam seus componentes num ritmo que fica diluído entre imagem e movimentos, entre pensamento e gesto e se transformam em autorretratos coletivos. O artista explora estruturalmente as possibilidades expressivas e ilimitadas do corpo, e as transformam em relíquias atemporais enriquecidas com componentes de um espectro de possibilidades estéticas que se desbordam em sugestivas motivações sensoriais.

Pergola propõe uma cartografia mutante, como a própria existência. Cada instante transcorrido prefigura novas fronteiras, novos traços na vida (pessoal e coletiva), e apaga as do instante anterior. Ganhando ou perdendo, os traços e as fronteiras que permanecem desenham uma escrita, um itinerário, uma topografia. Configuram-se, definitivamente, estados de espírito que carregam dentro de si uma persistente inconformidade com a sua definição. Configura-se uma poética que pode ser considerada como tudo o que constitui a obra em si mesma, e o conjunto delas, a partir do momento de sua instauração, e que pressupõe o estudo das motivações do artista, de seus processos de trabalho e da instauração da(s) obra(s) enquanto forma, concreta ou virtual, permanente ou efêmera. Uma objetividade condicionada à perspectiva que possibilita o deslocamento de elementos dentro dos limites da obra de arte e do processo como um todo.

As séries apresentadas na exposição abordam um cotidiano roubado e contido, transformado de possibilidades a realidades, com histórias cheias de uma polifonia visual. Esta aproximação com a realidade individual canaliza discursos plásticos contemporâneos onde a imagem protagoniza a assimilação e projeção de discursos estéticos coletivos. O artista oferece-nos argumentos criativos estruturados com lucidez emocional, sagacidade analítica e comunicabilidade mobilizadora, a partir de signos convencionais e/ou arbitrários: o corpo, a dança, a computação, a fotografia, a pintura, a geometria, a cor, a luz, É o acontecimento como arte!

Andrés Hernandez (SP)

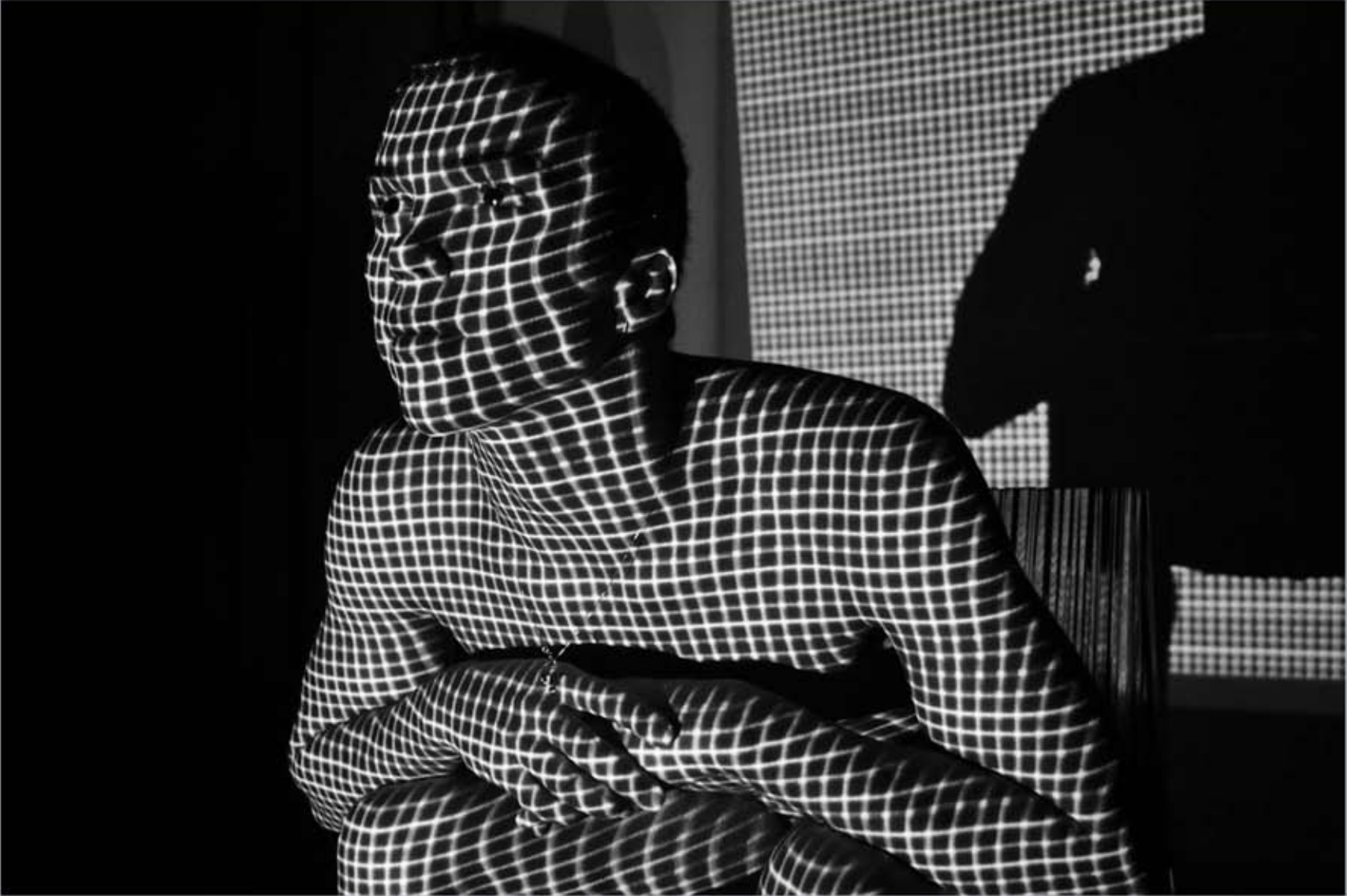
Cubano naturalizado brasileiro, Hernandez atualmente é curador independente e, desde 1998, foi diretor executivo do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Realiza curadoria de exposições tanto no Brasil, quanto no exterior.

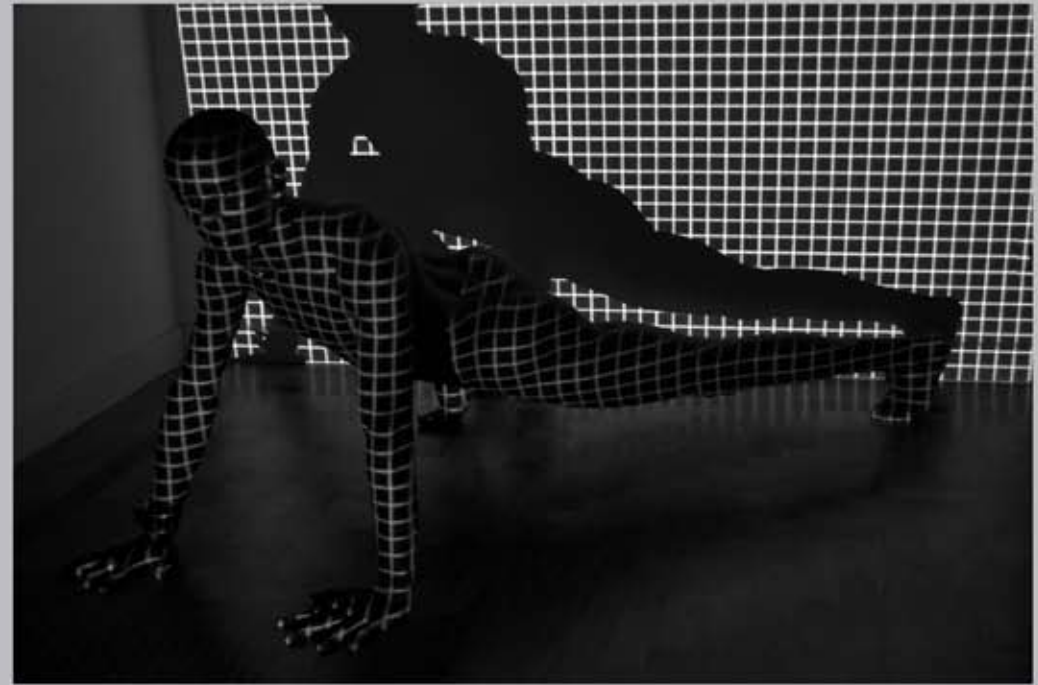
Andrés Hernández
São Paulo, 2014

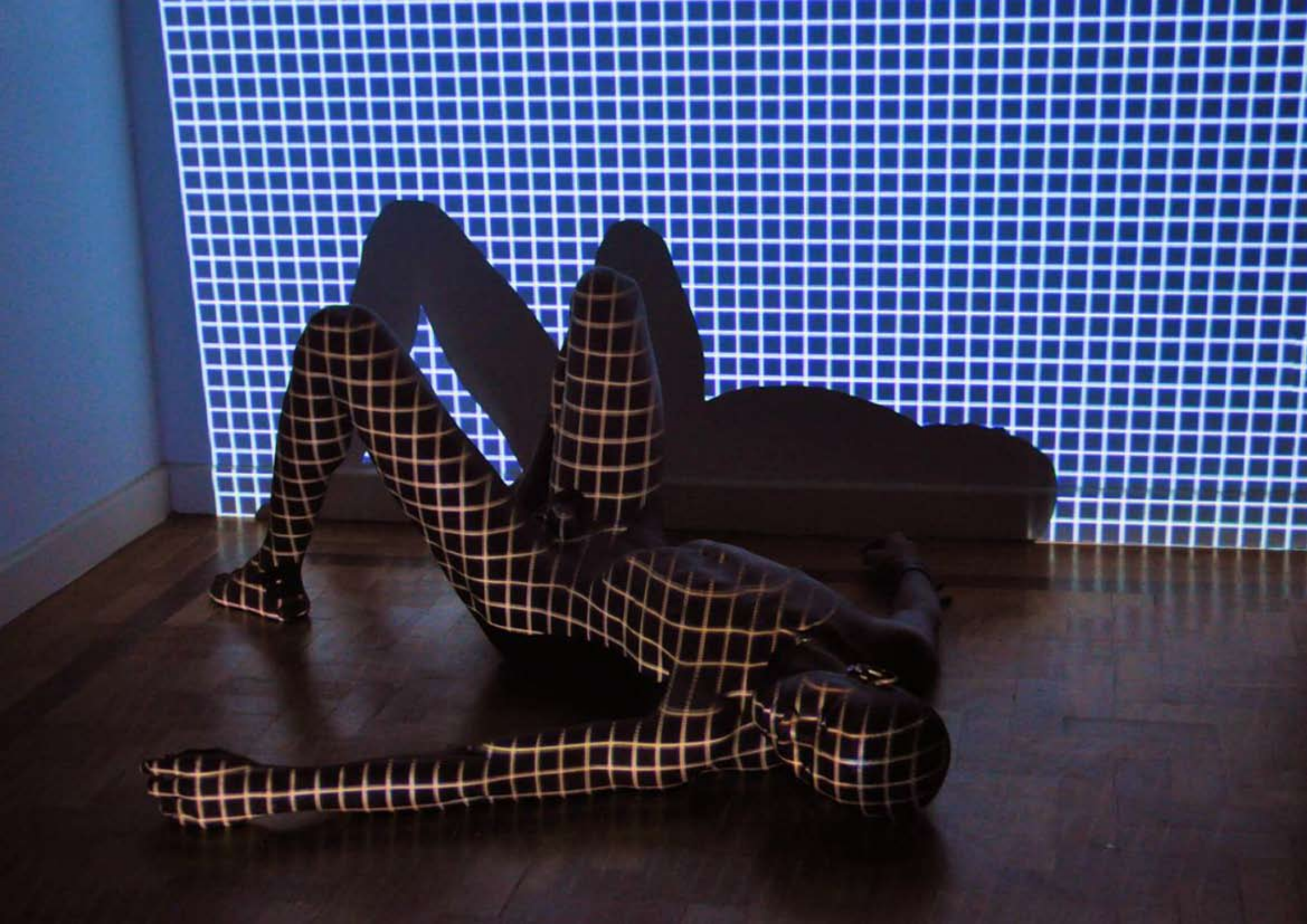
fotografias



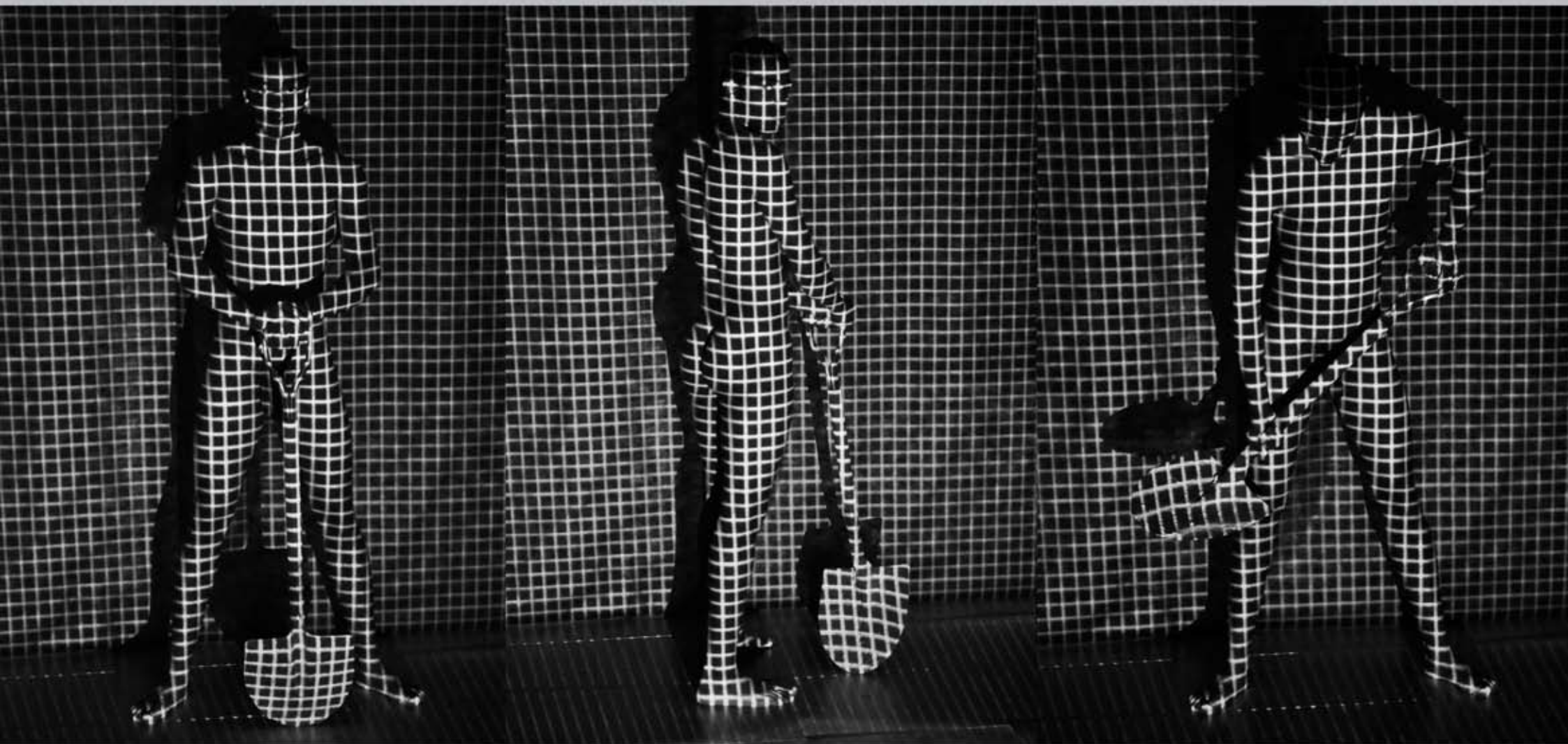


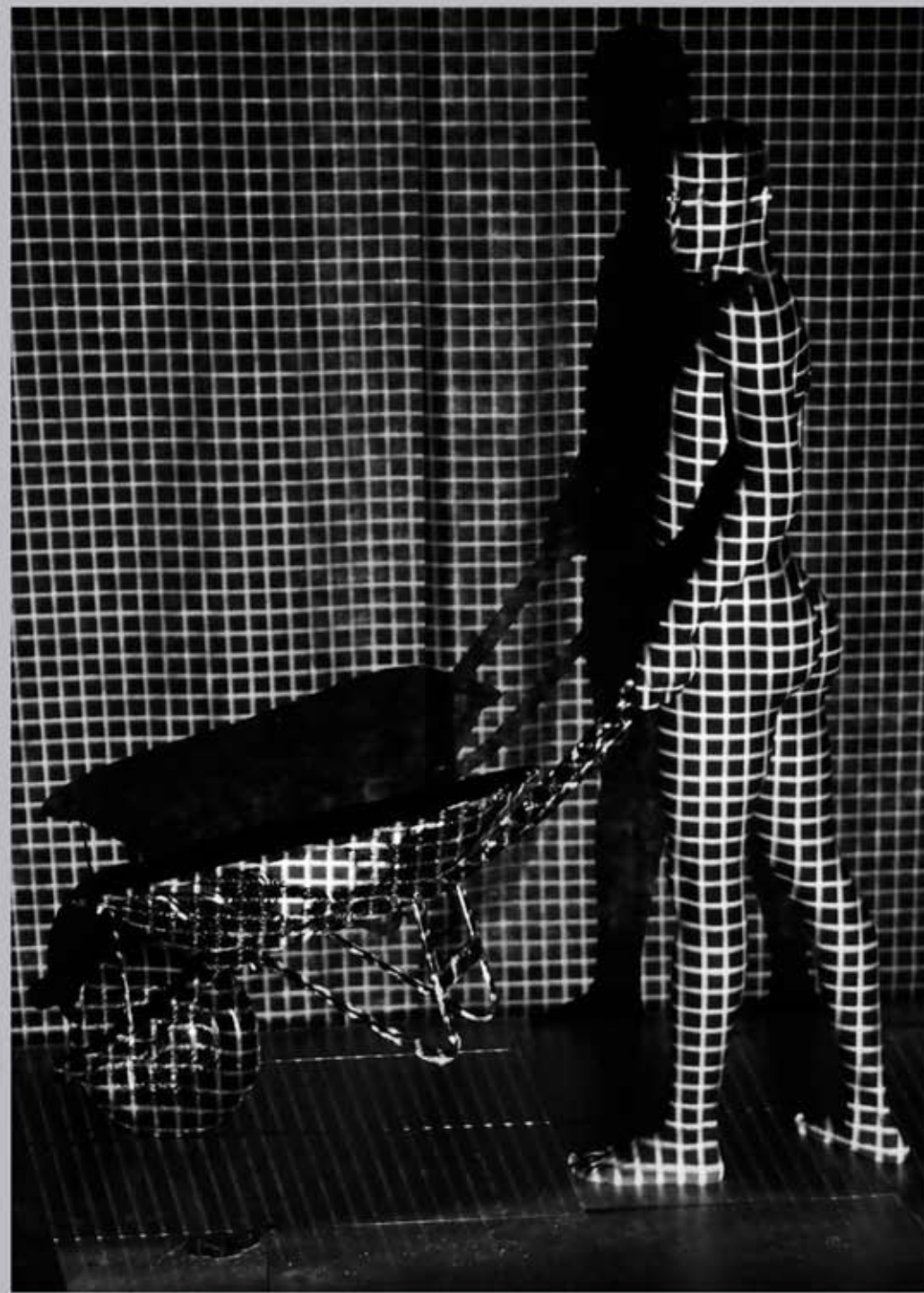


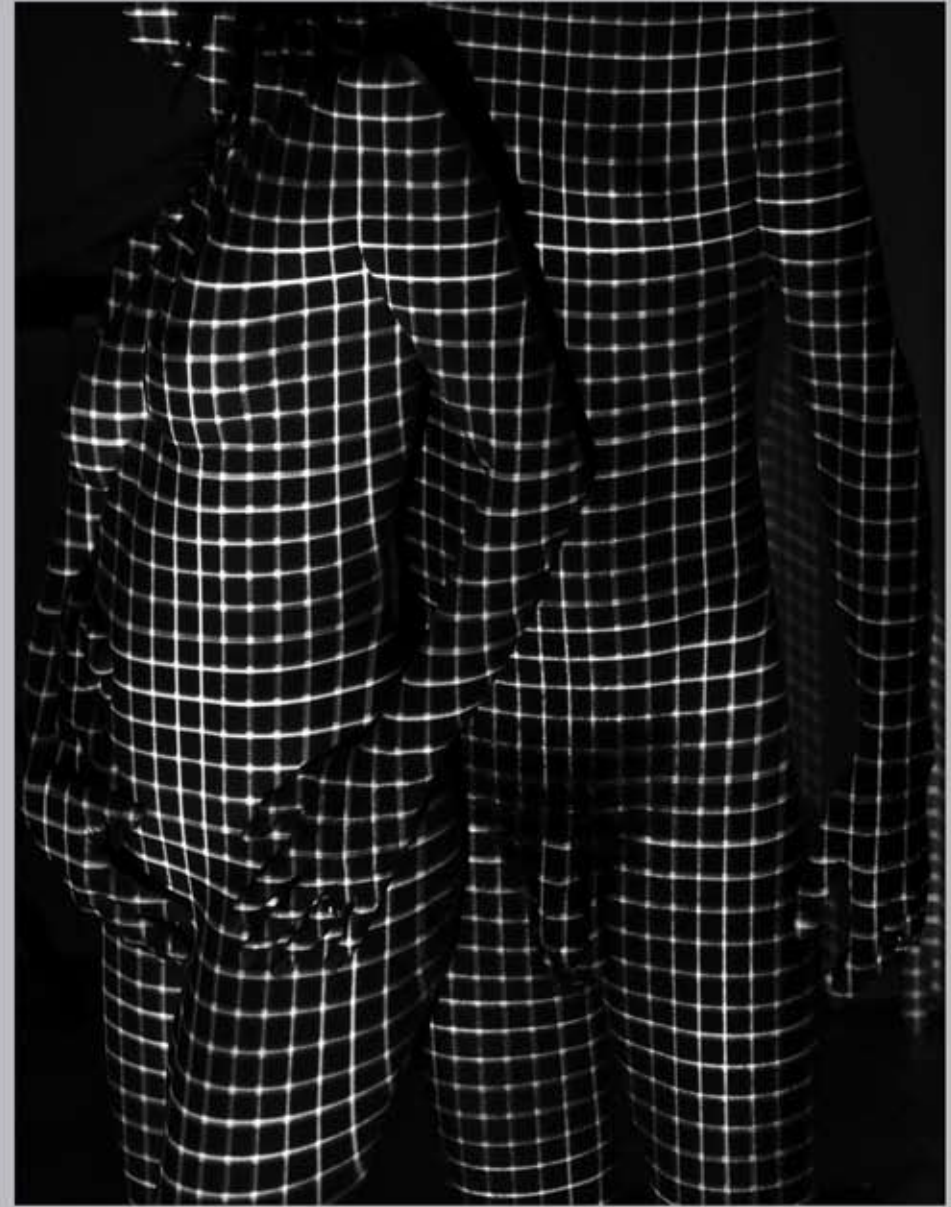
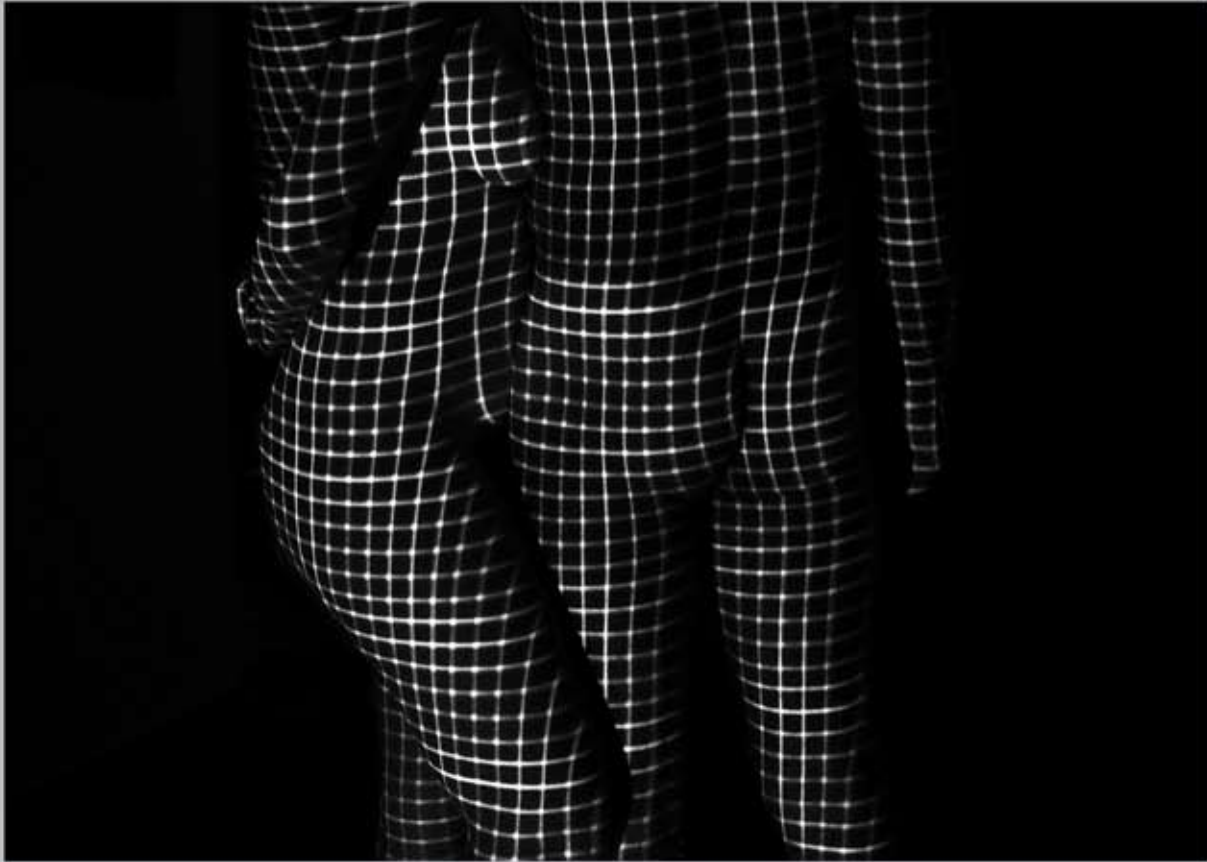












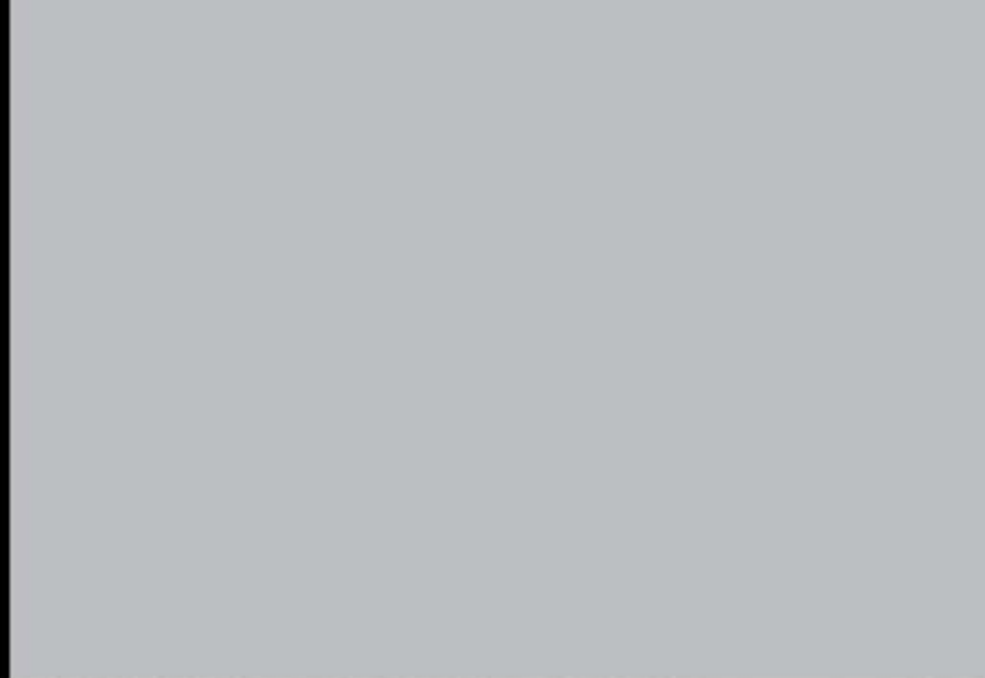
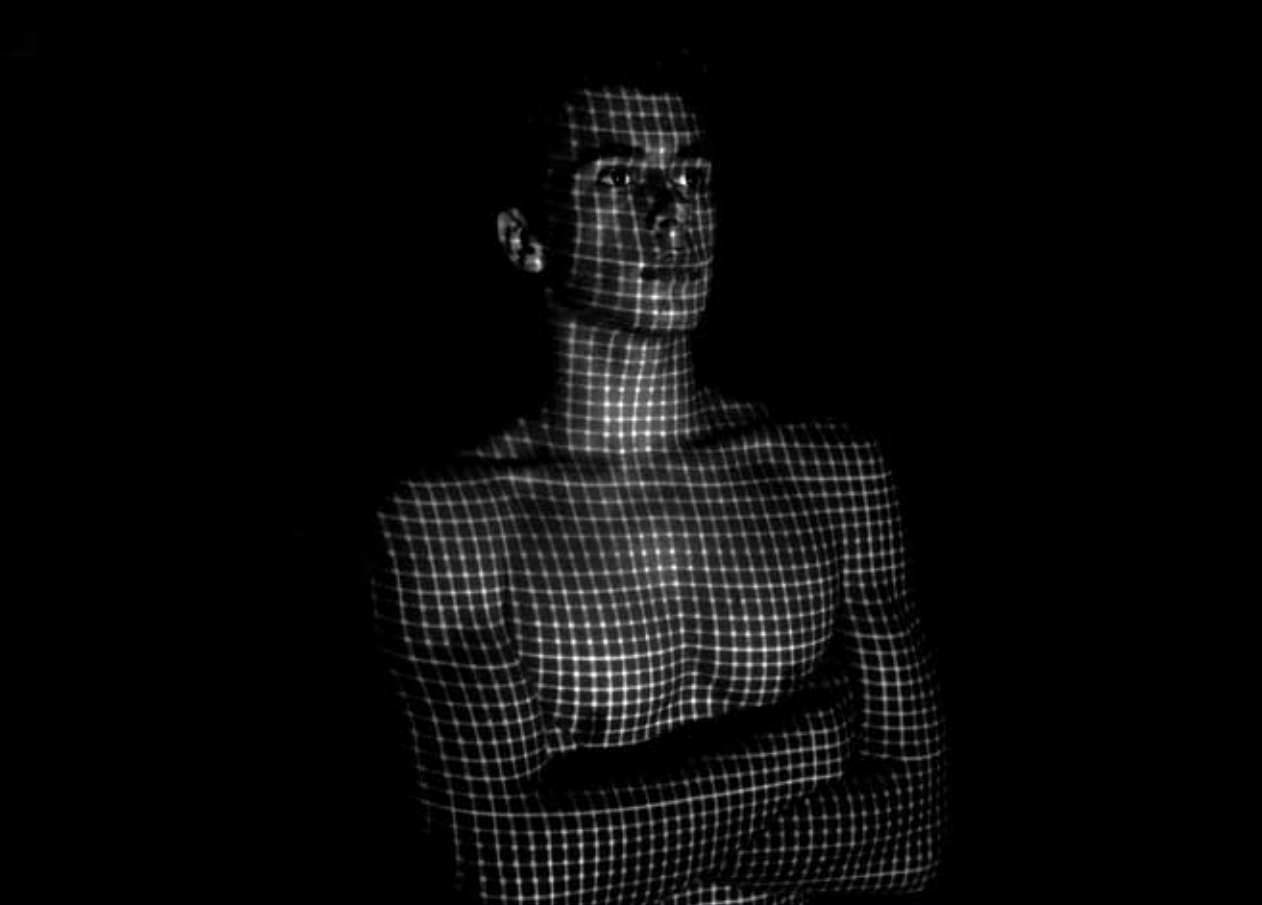




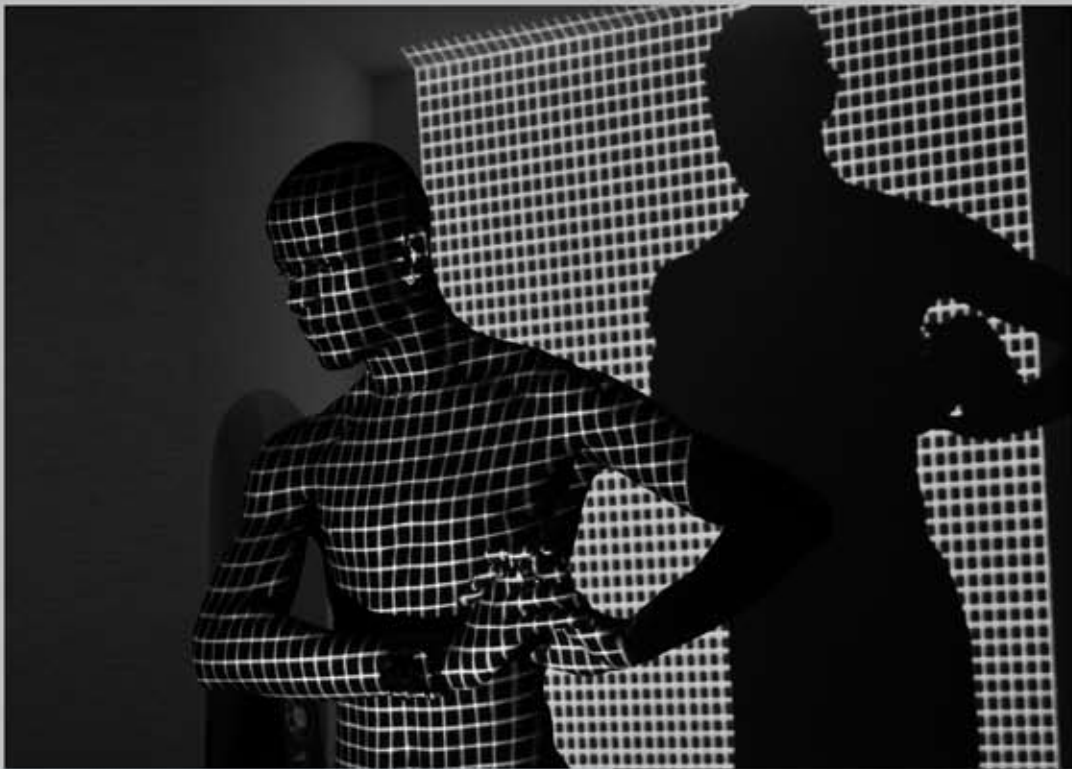






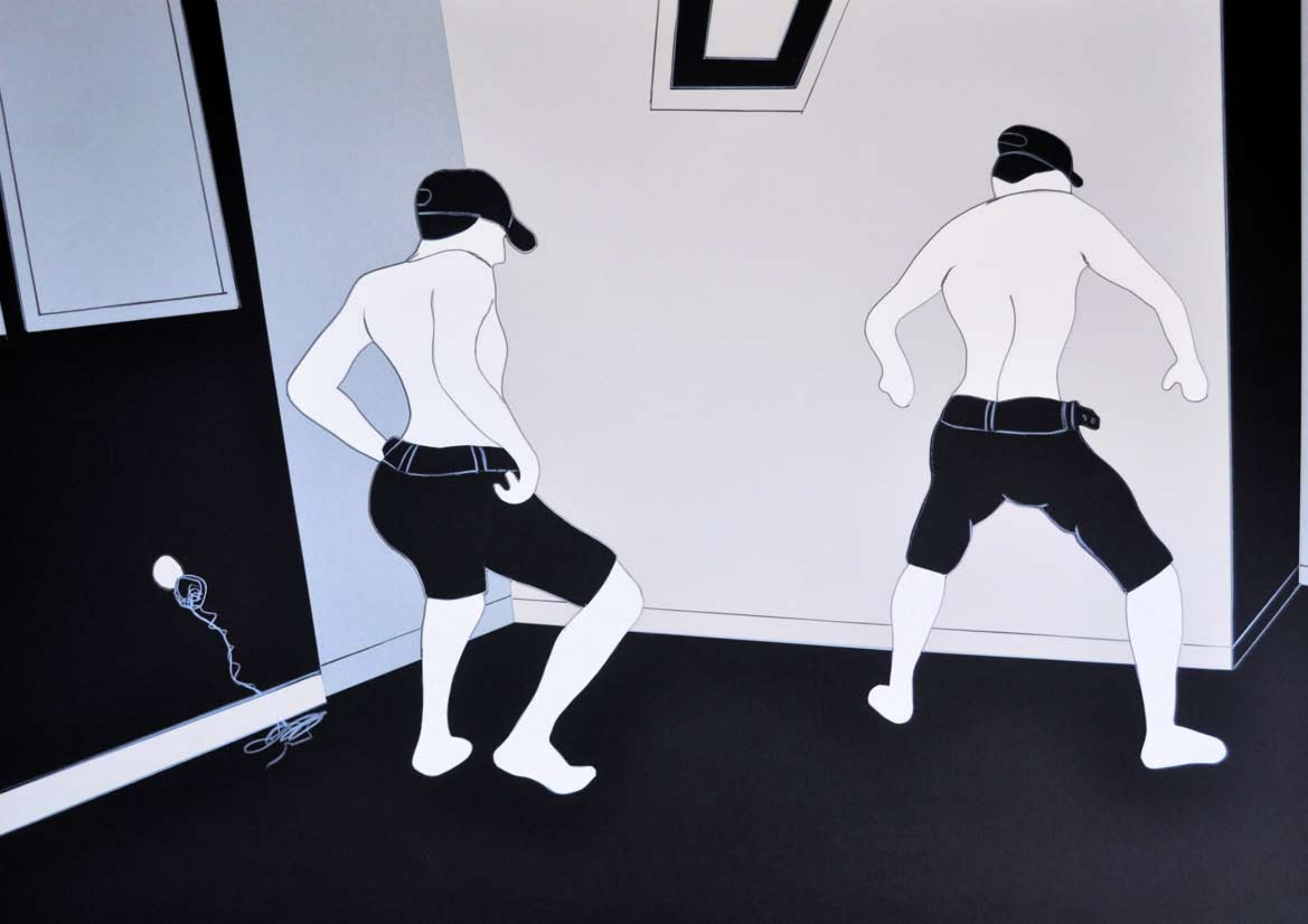






Funk-heróis

colagens em papel, 70x100cm



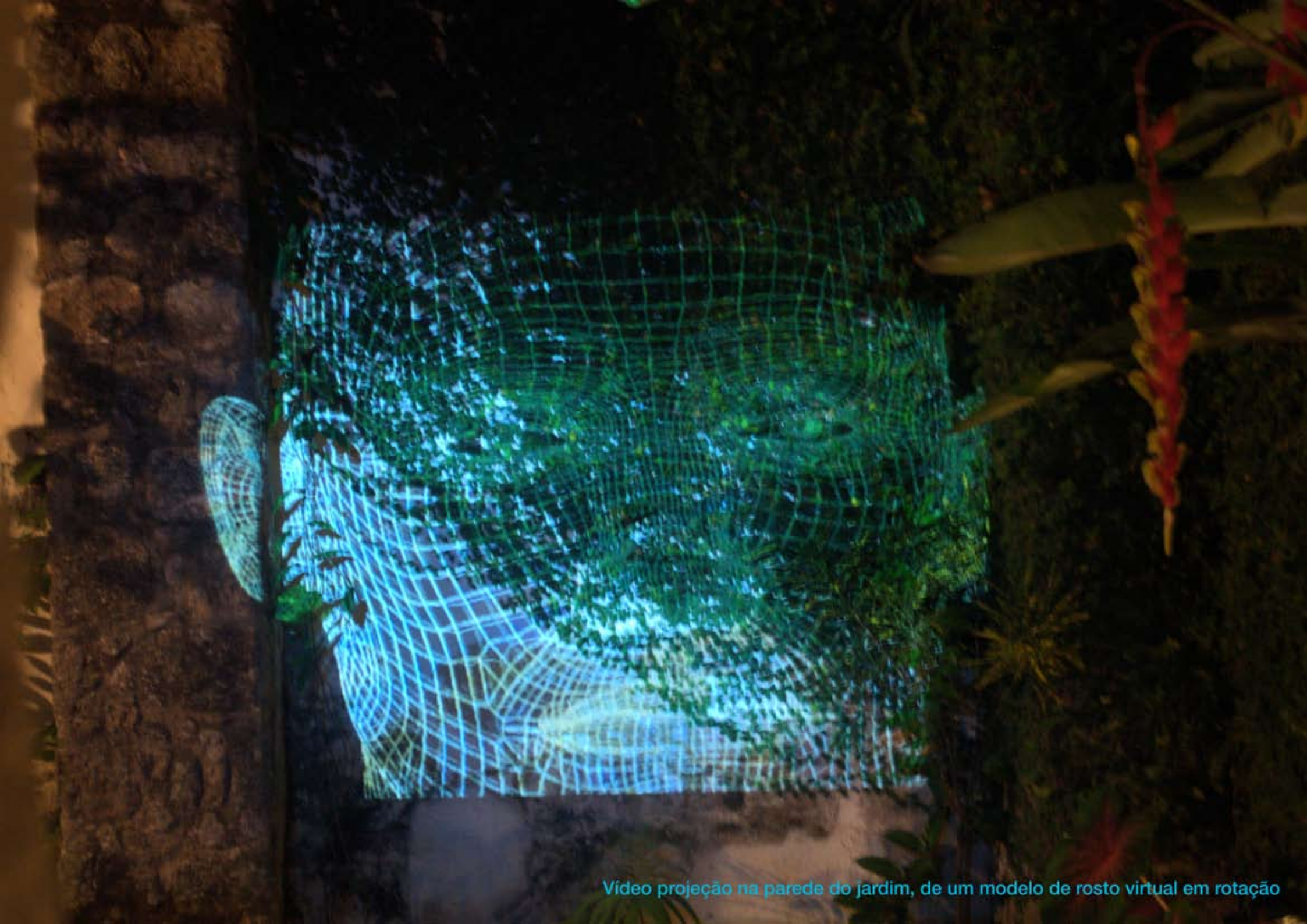












Vídeo projeção na parede do jardim, de um modelo de rosto virtual em rotação

A exposição



